

ANÁLISE ARGUMENTATIVA DOS DISCURSOS PRESENTES NO FILME “O LEITOR”: A CONSTRUÇÃO E A MANUTENÇÃO DE UM ETHOS ATÉ AS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS

Maria Lucinária Lustosa de Araújo (UFPI)
lucinarialapi@hotmail.com
Renata Freitas de Oliveira (UFPI)
renata.freitas@ifpi.edu.br

Resumo: O presente trabalho aborda o caráter argumentativo, discursivo e retórico presente no cinema, considerado como a sétima arte. Visto como uma forma de comunicação intersemiótica, o cinema é capaz de associar imagens, sons verbais, palavras escritas, enfim, discursos diversos que atuam como uma fábrica de sentidos, provocando uma interação constante entre autores, diretores, atores e espectadores. Nosso objetivo é, portanto, analisar as estratégias discursivas engendradas a partir de uma dimensão argumentativa, desvelando as imagens de si (*ethos*) construídas dentro de um contexto de letramento no qual está inserida Hanna, a personagem principal do filme “O Leitor”. Trata-se, portanto de uma pesquisa qualitativa e interpretativa cujo *corpus* é composto pelos discursos presentes no referido filme, sendo os mesmos catalogados de acordo com a perspectiva argumentativa apresentada. Esses discursos observados, não foram apenas os presentes nas falas, mas também, outras manifestações discursivas, bem como as imagens, as expressões faciais, as cores, os gestos. Os resultados apontam para a existência de uma dimensão argumentativa construída a partir dos procedimentos discursivos de definição, citação, acumulação, comparação e questionamento. A personagem constrói um *ethos* de alfabetizada e nele se apoia para esconder a sua real identidade, algo que a mesma considera vergonhoso. Verificamos a existência de uma condição de letramento evidenciada a partir da utilização da leitura e da escrita nas práticas sociais, pela personagem, mesmo sem ela saber interpretar o código escrito. Podemos destacar, ainda, o fato de que a personagem Hanna é uma pessoa analfabeta que esconde essa condição através de argumentações, em que ela usa um *ethos* de alfabetizada e convence a todos até o final do filme. Concluimos que, para essa personagem, a condição de analfabeta era um problema em sua vida, e que a mesma preferia construir e manter esse *ethos* de alfabetizada até as últimas consequências, a revelar essa sua condição de apenas letrada.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Argumentação. Ethos. Letramento. Alfabetização.

Introdução

O cinema, considerado como a sétima arte, carrega consigo o poder de encantar o mundo. Como é uma forma de comunicação, não seria diferente, possui a capacidade de produzir uma interação entre a imagem projetada na tela e seus espectadores, a qual possui vários discursos imbricados, de modo que no decorrer do filme são percebidos pelo público.

Por ser o filme uma fonte de discursos variados, buscamos nessa arte um *corpus* para estudos de Análise do Discurso, conjugando-os com teorias do letramento e alfabetização, tendo em vista analisar o aspecto argumentativo do discurso, mais precisamente a construção e manutenção do *ethos* alfabetizado existente na personagem Hanna do filme "O Leitor",

dirigido por Stephen Daldry, o qual foi adaptado para o cinema a partir do romance *Der Vorleser* (1995) - *O Leitor* - do escritor alemão **Bernhard Schlink**. Em 2008, foi feita uma adaptação cinematográfica pelo roteirista David Hare. Tendo como atores principais Kate Winslet (Hanna) e Ralph Fiennes (Michael).

O filme, talvez seja uma das artes mais apreciadas e populares no mundo. Por isso é uma importante ferramenta para ser explorada em sala de aula, passível de vários níveis de análises desde a mais simples (interpretação da narrativa) a mais complexa (uma tese de doutorado).

1 Retórica e argumentação

Ao falarmos em retórica há que se falar em Aristóteles que apresenta um saber teórico, científico, técnico e artístico. Neste sentido, compartilhamos da ideia de que Aristóteles seja considerado o pai da retórica, embora o homem já fizesse uso do pensamento e da comunicação muito antes. Assim, definir a retórica não é uma tarefa fácil como cita Aristóteles (2005, p.21), "sempre esteve mais preocupada com a persuasão do que com as formas de produção dos discursos, ou seja, mais preocupada com a retórica do que com configuração do texto".

Moura (2012) acredita que assim como a retórica, a argumentação começa a ser praticada pelo homem no momento em que usa a comunicação e a linguagem no mundo. A argumentação é uma característica própria do ser humano, pois em vários momentos, em qualquer lugar e idade, alguém está persuadindo ou sendo persuadido por alguém, podendo ser de forma consciente ou inconsciente, ou seja, podemos influenciar o outro com uma intenção, para que haja mudança de comportamento, ou, em algumas situações, influenciar sem nenhuma intenção. Por conta disso, é importante mencionar as observações de Amossy (2006 [apud Moura, 2012]):

É preciso considerar, no entanto, a distinção feita por Amossy (2006) entre estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso de orientar as maneiras de ver do(s) interlocutor(es). No primeiro caso, o discurso manifesta uma *intenção* ou *orientação argumentativa*: o discurso político e a publicidade constituem flagrantes exemplos disso. No segundo caso, ele comporta simplesmente uma *dimensão argumentativa*, sem necessariamente, uma intenção consciente de persuasão. Assim acontece com a conversa coloquial ou texto ficcional. (MOURA, 2012, p.3)

Percebemos isso em alguns momentos, pois mesmo que essa vontade de persuadir não se manifeste de forma consciente, a argumentação continua fazendo parte do discurso

exemplificado e, também, em outros, como no mundo artístico, quando uma celebridade escolhe um corte de cabelo ou veste uma roupa, muitas vezes, ela só quer melhorar sua imagem para seu público, mas sem perceber ela influenciou milhares de fãs a mudarem o seu comportamento (mudança do corte ou modo de vestir-se). Um aspecto da argumentação que estará em foco nesse trabalho, será o das provas ou meios de persuasão, do qual falaremos nesta próxima seção.

1.1 Ethos: "a imagem de si mesmo"

Para esse estudo foram destacadas as categorias ou métodos formais de provas, que segundo Aristóteles, estão divididas em *não-técnica (não artística)*, que recebe este nome porque não é inventada pelo orador, mas baseia-se em testemunhos e documentos escritos; e a *técnica (artística)*, que são as que mais se destacaram nos estudos retóricos, pois estas são os meios discursivos criados pelo orador para persuadir.

Dessas categorias de provas ou meios de persuasão, as que mais se destacaram nos estudos da retórica foram as seguintes técnicas: *ethos*, *pathos* e *logos*. Neste sentido, é possível conceituá-las do seguinte modo:

as que residem no caráter moral do orador, dando a impressão de que ele merece credibilidade (*ethos*); as que são construídas sobre a relação entre orador e ouvinte, em que o primeiro tenta suscitar no segundo emoções/paixões pelo discurso (*pathos*); as que o próprio discurso demonstra logicamente ou parece demonstrar, a partir do que é persuasivo em cada caso (*logos*) (ALVES, 2011, p.114 e p. 115)

As provas *ethos*, *logos* e *pathos* estão presentes no discurso todas ao mesmo tempo, ou melhor, elas se complementam, e aparecem com níveis variáveis dependendo da demanda do quadro situacional e da interação. Neste aspecto, Moura (2012) reitera que “essas provas são combinadas no discurso, no sentido de obter a persuasão, que é o fim pretendido pela prática argumentativa” (2013, p.8).

Desses três meios de persuasão expostos acima, daremos ênfase ao *ethos*, pois a análise do filme destacará a construção e a manutenção de um *ethos* alfabetizado da personagem principal, Hanna, que é uma pessoa analfabeta, mas que apesar disso, é capaz de desenvolver atividades do cotidiano.

Na concepção de Maingueneau (2006) a prova pelo *ethos* significa causar uma boa impressão através do discurso, ou seja, em apresentar uma boa imagem para que ela seja capaz de convencer o auditório e ganhar a confiança dele. O autor também relata que, para

que esse orador possa demonstrar uma imagem positiva de si, ele pode mobilizar três qualidades fundamentais: a prudência, a virtude e a benevolência, as quais são descritas também por Aristóteles no segundo livro da Retórica. Já Amossy (2006 [apud Alves, 2011]) aponta para a existência de dois tipos de *ethos*:

O *ethos* prévio, composto das impressões acerca do orador que o auditório já possui antes da enunciação em questão, procedente do nível situacional e do acesso da plateia a um interdiscurso que fornece dados para a elaboração dessas impressões (estatuto institucional, estereótipo que circula sobre a pessoa do orador etc.). O *ethos* discursivo, que emerge no instante da enunciação, atualizado no discurso pelo locutor em tempo real, enquanto ele se dirige ao alocutário, seja face a face ou virtualmente. É determinado pela definição dos papéis conforme a cena genérica e a imagem de si que o locutor projeta no discurso. (ALVES, 2011, p.124)

O autor supracitado afirma ainda, que esses dois *ethos* estão presentes no discurso fílmico, podendo ser percebido de várias formas, ou, nos diálogos, ou, nas vestimentas dos personagens, etc. Segundo a autora, no discurso fílmico o *ethos* está ligado ao gênero do filme juntamente com o seu subgênero, isto é, o espectador vai construindo os seus *ethos* durante a exibição do filme. Neste discurso, constrói-se um *ethos* prévio mesmo sem assistir ao filme, pois o espectador já criou uma imagem deste, através de sinopses, resenhas, publicidade e outros meios mais.

2 Discurso: invisível, mas poderoso

A etimologia da palavra discurso nos remete a noção de percurso, de correr por, de movimento. Segundo Orlandi (1999) o objeto do estudo da Análise do Discurso (AD) é o discurso, que de acordo com suas pesquisas, pode ser entendido como o funcionamento da língua para a produção de sentido.

Para demonstrar o poder que o discurso possui nas relações interpessoais, Moura (2012) traça um percurso teórico em que desvela as várias faces deste para chegar ao título de um dos capítulos de sua tese: “Discurso: um tirano poderoso”. Em suas considerações afirma que:

"O discurso é uma ferramenta poderosa que invade 'corações e mentes' ou, como diz Górgias na epígrafe do nosso trabalho, é 'um tirano poderoso que, com um corpo microscópico e invisível, executa ações divinas'. "(2012, p.25).

Além dessa visão, também acrescentamos algumas considerações de Charaudeau (2001, p. 24 e 25): "O discurso não deve ser assimilado à expressão verbal da linguagem (...)",

para ele, além da linguagem, existem outras manifestações, como os gestos, as imagens, etc. O Discurso não deve ser compreendido segundo a tradição linguística (...)", quanto a esse, destacamos que a linguística considera o discurso como a unidade que ultrapassa a frase, mas para Charaudeau isto não é necessário, pois uma frase, um gesto, podem também, ser portadores de discursos.

2.1 O discurso fílmico

Quem não faz parte do mundo acadêmico, e principalmente, quem não tem acesso aos estudos da Análise do Discurso, acredita que o discurso é realizado apenas, a partir de uma linguagem verbal, ou melhor, existe apenas através da fala, não tendo conhecimento de que o discurso está presente em outros códigos semiológicos, como em gestos, imagens, cor etc. Entretanto, Charaudeau (2001) afirma que:

O discurso não deve ser assimilado à expressão verbal da linguagem. A linguagem, mesmo sendo dominante no conjunto das manifestações languageiras, corresponde a um certo código semiológico, isto é, a um conjunto estruturado de signos formais, do mesmo modo, por exemplo, que o código gestual (linguagem do gesto) ou o código icônico (linguagem da imagem). O discurso ultrapassa os códigos de manifestação languageira na medida em que é o lugar da encenação da significação, sendo que pode utilizar, conforme seus fins, um ou vários códigos semiológicos. (p. 24 e 25)

O filme em análise é um bom exemplo para trabalharmos o discurso fílmico, pois possui vários códigos. Além das palavras, pode-se observar a composição das imagens, o figurino, as cores, o cenário e etc. Por isso, Alves (2011) afirma ter verificado que: “a Teoria Semiolinguística fornece um amplo leque de possibilidades de estudos sobre o discurso fílmico, que incorpora uma multiplicidade de códigos semiológicos, tais como o verbal, o icônico, o musical, o textual, o sonoro.” (p.20)

Considerando que o discurso fílmico em análise faz referências recorrentes aos aspectos de letramento, é necessário que utilizemos os estudos nesta área como referências para a complementação dessa análise, pois o foco deste trabalho está diretamente ligado ao comportamento da personagem Hanna que procura manter uma postura de pessoa alfabetizada até as últimas consequências, apesar de ela ser apenas uma pessoa letrada. Assim, fez-se necessário buscar interfaces entre o discurso e letramento para compreender o *ethos* da personagem em questão.

2.2 Discurso e letramento: suas interfaces

O termo *discurso* para os funcionalistas, segundo Cunha (2003, p.50) está: "relacionado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa". A partir dessa noção dada pela autora, podemos dizer que existe uma relação entre letramento e discurso, pois o letramento refere-se às práticas sociais que utilizam a leitura e a escrita, ou seja, são práticas que estão repletas de discursos, os mesmos são encontrados em textos escritos variados, como: literários, publicitários, poéticos, jurídicos e etc. E, também, em textos orais, no caso específico, o filme, que através das falas dos personagens apresentam o enredo do filme.

Por outro lado, o termo letramento nos remete ao uso da leitura e da escrita nas práticas sociais, por isso ele está associado à vida das pessoas, à interação entre as pessoas. Magalhães (1995 [apud Silva, 2014]) reconhece que o letramento está intimamente ligado às premissas da Análise do Discurso Crítica (ADC), isto porque, esse letramento possui um caráter institucional e comunitário, constituindo identidades, valores e crenças que são mediados pelo escrito. Quanto ao termo discurso para essa ADC, utilizaremos as palavras de Silva (2014) em consenso com alguns teóricos:

(...) é compreendido como parte da prática social, dialeticamente interconectado a outros elementos (Fairclough), como o mundo material, as relações sociais, a ação e interação, as pessoas com suas crenças, seus valores e desejos (Chouliaraki e Fairclough, 1999,p.21). (p.235 e 236)

Desse modo, podemos dizer que o discurso é uma prática, não apenas uma representação do mundo, isto é, ele pode ter o poder de transformar o mundo de forma significativa, por isso é que defendemos que há uma interface entre o letramento e o discurso, pois ambos estão ligados às práticas sociais, fazendo com que os sujeitos utilizem o discurso através dos eventos de letramentos, ou seja, em diversas situações do dia a dia estão presentes os discursos, os quais possuem várias formas de representação aliadas a práticas de letramentos, como exemplo: a leitura de um texto, uma compra no supermercado, a escuta de uma história, etc. Para uma explicação sobre o termo letramento o próximo tópico apresentará pontos de vistas mais direcionados para este fim.

2.3 Letramento e Alfabetização

Segundo Soares (2003), é preciso compreender que alfabetização e letramento são práticas distintas, porém, indissociáveis, independentes e simultâneas. Kleiman (2005)

também aponta que a alfabetização não se separa de letramento. Contudo, ela é necessária para que uma pessoa alfabetizada seja considerada plenamente letrada, mas não é o suficiente. Para melhor explicar essa relação existente entre letramento e alfabetização, Soares descreve uma observação importante:

(...) ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita 'própria', ou seja, é assumi-la como sua 'propriedade'. (2000, p.39)

Considerando o caso brasileiro, mesmo com algumas mudanças ocorridas no âmbito escolar, atualmente, ainda encontramos precariedade na alfabetização, pois muitas pessoas escolarizadas são consideradas "analfabetos funcionais", ou seja, não são capazes de compreender o que leem, mesmo sabendo decifrar o código escrito. Em contrapartida, existem aquelas que são analfabetas, mas conseguem realizar práticas sociais da leitura e da escrita.

Para Kleiman (2005), o letramento não é um método, não possui o mesmo significado de alfabetização e também não é uma habilidade. Já Soares (2000) declara que a palavra letramento surgiu da tradução da palavra inglesa *literate*, que, traduzindo, significa: a condição de ser letrada. Ainda conforme a autora, essa palavra letramento surgiu para nomear um fenômeno novo, ou melhor, nomear as práticas de pessoas que, mesmo não sabendo ler e escrever (analfabetas) eram capazes de utilizar a leitura e a escrita no seu cotidiano. O conceito de letramento que é usado para atender às necessidades da sociedade atual do uso da leitura e da escrita é: “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.” (SOARES, 2000, p.47)

3 Uma análise argumentativa do ethos

A análise a seguir, traz a baila um estudo fundamentado na teoria da Análise do Discurso conjugando-a com a teoria do Letramento, buscando destacar a dimensão argumentativa do discurso através das provas ou meios de persuasão, para demonstrar a construção e manutenção do *ethos* presente na personagem Hanna do filme "O Leitor", bem como verificar a utilização da leitura e da escrita pela personagem em práticas sociais, sendo que esta não era alfabetizada. Para tanto, observarmos e analisamos principalmente, as cenas em que Hanna aparecia, além de várias leituras do enredo pesquisado.

Para situar melhor o trabalho, apresentamos, a seguir, um pequeno resumo do enredo: O filme inicia em 1995, na cidade de Berlim, quando Michael (Ralph Fiennes), já

adulto, encontra-se em seu apartamento, e olha pela janela vendo um U-Bahn amarelo (metrô de Berlim), fazendo-o lembrar de quando, em 1958, então com 15 anos, morando em Neustadt, passa mal, durante o trajeto do U-Bahn, e acaba vomitando próximo ao prédio onde mora Hanna Schmitz (Kate Winslet), uma trocadora que trabalhava no bondinho, a qual acaba ajudando o garoto. A partir desse momento, os dois começaram uma relação amorosa. Após alguns meses de relacionamento, Hanna recebe uma proposta para trabalhar em um escritório, então ela desaparece sem deixar nenhuma pista. Anos mais tarde, Michel, como estudante de direito, encontra-a em uma audiência, sendo acusada por crime de nazismo. Hanna prestes a ser condenada, não revela ao Júri que não sabe escrever e é a partir desse momento que Michel descobre que ela é analfabeta. A personagem foi condenada à prisão perpétua, então Michel passa a gravar histórias que ele havia lido para ela, e a partir da escuta destas, Hanna aprende a ler e escrever sozinha. Logo que recebe a liberdade, ela se suicida.

Reiterando as palavras de Amossy (2006 [apud Moura, 2012]), percebe-se que ao fazer uso da argumentação, a personagem Hanna manifesta uma intenção consciente, isto é, uma orientação argumentativa que revela um *ethos* de alfabetizada a todos os seus interlocutores, pois a persuasão é feita de forma programada. Essa prática fica evidente em várias cenas do filme, sobretudo, nos diálogos entre Hanna e Michael.

Cenas 1 e 2



Hanna construiu uma imagem de si mesma de uma pessoa alfabetizada. Por conta disso, observamos e analisamos, no decorrer do filme, essa construção e manutenção dessa imagem, pois a personagem, a exemplo do que defende Maingueneau (2006) causa uma boa impressão através do discurso, ou seja, apresenta a prova pelo *ethos*, demonstrando uma imagem positiva de si, mostrando-se prudente, virtuosa e benevolente, como nas falas: “Pode ler”, “Prefiro que leia para mim”.

Na maioria das cenas, Hanna tem o controle da relação, mas nas cenas 3, 4 e 5 percebemos que no momento do lanche, ela cede esse controle para não ameaçar essa imagem. Michel entrega o cardápio para ela e sua estratégia é fingir que leu o mesmo,

deixando com que Michel decida sobre o pedido, submetendo-se neste momento às escolhas do parceiro. Essas manifestações discursivas revelam o que Amossy (2006) denomina de *ethos* discursivo, o qual emerge no instante da enunciação, sendo determinado pela definição dos papéis conforme a cena e, sobretudo, a imagem de si que o locutor projeta no discurso, na tentativa bem sucedida de manter um *ethos* de alfabetizada, e por que não dizer, realizando práticas de letramento em que manifesta uma intenção argumentativa consciente.

Cenas 3,4,5



Nas três cenas acima, percebemos que o ambiente escolhido pelo diretor do filme demonstra uma sensação de segurança diante dos acontecimentos. A clareza e a tranquilidade da paisagem revelam a leveza do momento em que a personagem se encontra, isto é, Hanna consegue se sobressair de mais uma situação que poderá afetar seu *ethos* de alfabetizada.

Cenas 6 e 7



As cenas 6 e 7 mostram o momento em que Hanna recebe uma promoção no trabalho, sendo esta pois se depara com uma situação extrema em que precisa pôr à prova o seu conhecimento de leitura e escrita. Por ter vergonha e para não ser excluída pelas pessoas ela prefere pedir demissão e fugir, já que o trabalho do escritório requer de Hanna, mais do que práticas de letramento. É neste instante, a personagem compreende que não bastava “a condição de letrada”, como declara Soares (2000), mas era preciso ser alfabetizada, pois conforme Kleiman (2005) a alfabetização, embora não seja suficiente, é necessária para que uma pessoa seja plenamente letrada. Além desse aspecto, observamos que há uma mudança

nas expressões faciais da personagem, que mostra um olhar marcado, expressões sérias e sisudas que demonstram preocupação com a notícia e o próprio ambiente que retrata um lugar fechado, como se Hanna não tivesse uma saída, pois temia que seu *ethos* de alfabetizada fosse desmascarado. A análise dessas expressões confirmam as palavras de Charaudeau (2001), quando diz que o discurso ultrapassa os códigos de manifestações languageiras, na medida em que passa a ser o lugar da encenação da significação utilizando os vários códigos semiológicos que mencionamos.

Cenas 8, 9 e 10



As cenas acima demonstram de que forma, Hanna utiliza efetivamente a leitura e escrita em ações do seu cotidiano. Sendo assim, corroboramos com Soares (2000) quando afirma que mesmo não sabendo ler e escrever as pessoas eram capazes de utilizar a leitura em seu cotidiano. Por conta disso, destacamos as cenas 8, 9, 10 e 11, onde a personagem participa de vários eventos de letramento, dentre eles, trabalhar e ouvir as histórias lidas por Michel.

Cenas 12,13,14 e 15



As cenas acima mostram alguns instantes do julgamento de Hanna, momento em que Michel, estudante de direito, descobre que a pessoa, que fez parte de sua adolescência e que desapareceu de forma misteriosa de sua vida, conseguiu esconder a condição de analfabetismo

durante todo o relacionamento deles. Além das cenas do julgamento destacamos a cena de Hanna no presídio, tendo contato com a descoberta da leitura. Ao analisá-las, consideramos a existência dos dois *ethos* citados por Alves (2011), o prévio e o discursivo. Acreditamos que Michel criou uma imagem prévia de Hanna, ou seja, o de uma pessoa alfabetizada, e que ao longo do filme, durante seus diálogos, essa imagem foi se confirmando através do *ethos* discursivo, ou seja, segundo a autora é: "(...) o que emerge no instante da enunciação, atualizado no discurso pelo locutor em tempo real, (...)". Mas no momento do julgamento, observamos que para Michael este *ethos* prévio foi sendo desconstruído, surgindo, porém, o novo *ethos* discursivo, que é o da mulher analfabeta que desfrutava de sua leitura.

Por outro lado, essa atitude de manter esse *ethos* de alfabetizada faz com que Hanna abra mão de sua liberdade para manter essa imagem, o que ficou evidente em uma das principais cenas do filme, que é o momento no Tribunal do Júri, onde Hanna assume a culpa pela morte de várias mulheres, mas não admite em momento algum que é analfabeta, ou seja, ela vai às últimas consequências para manter esta posição.

Considerações finais

É importante que ao assistir a um filme não se fique preso apenas na superfície do enredo, mas que se procure relacionar com algum tipo de teoria, pois desta forma assistir a filmes poderá se tornar uma prática bem enriquecedora.

O objetivo deste trabalho foi utilizar as teorias da Análise do Discurso e as do Letramento e Alfabetização para explicar as ações da personagem Hanna. Dentre os termos da Análise do Discurso, buscamos observar de que forma ela convencia os outros através de uma prova da argumentação chamada de *Ethos*.

Durante todo o filme verificamos que essa condição de analfabeta é um problema para Hanna, e quando ela consegue resolver esse problema, isto é, aprender a ler e a escrever, não consegue lidar com isso, ou acreditamos, que ela não sabia de que forma poderia utilizar a leitura no momento em que se encontrava na vida. Conforme observamos, concluímos que essa personagem criou o *ethos* alfabetizado e o manteve para não ser excluída socialmente.

Portanto, ressaltamos que durante todo o filme a personagem conseguiu convencer a todos de que é uma pessoa alfabetizada, no entanto, ela é letrada. Observamos que a argumentação esteve no discurso da personagem, lembrando aqui, que o discurso não está presente somente na fala, mas em outras manifestações linguageiras, haja vista que Hanna convenceu a todos fingindo, usando truques para esconder seu analfabetismo.

Referências

ALVES, Carolina Assunção e . **Dimensões argumentativas do discurso fílmico: projeções retóricas na tela do cinema**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior. Biblioteca de autores clássicos. Centro de Filosofia. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H et alii. **Análises do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso - FALE/UFMG, 2001.

CUNHA, Maria Angélica F., OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KLEIMAN, Angela. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Ministério da Educação: Cefiel, IEL, Unicamp, 2005. Disponível em: <
http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletras/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf> Acesso

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, 11-32.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte, do estado do Piauí: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte-MG, 2012. Disponível em<
<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-974H6D>> Acesso 03 junho de 2014.

_____; MELLO, Renato. Argumentação e discurso em editoriais, in: ALVES FILHO et al (Org). **Investigações Linguísticas interinstitucionais: léxico, texto e discurso**. Teresina: EDUFPI, 2013, P.11-56.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SILVA, Luzia Rodrigues da. Aulas de Língua Portuguesa: quais as práticas de letramento?. In: OTTONI, Maria Aparecida e al et (Org). **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise de discurso crítica**. São Paulo: Cortez, 2014.

SOARES, M. **Letramento em verbete e em três gêneros**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.